MONÇÕES
REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFGD

DOI: 10.30612/rmufgd.v12i24.17384

O Sionismo Evangélico e o apoio dos EUA a Israel durante o Governo Donald Trump

Evangelical Zionism and U.S. support for Israel during the Donald Trump Administration

Sionismo Evangélico y el apoyo de EE. UU. a Israel durante el Gobierno de Donald Trump

Matheus Felipe Corrêa
Bacharel em Relações Internacionais Universidade Federal do ABC (UFABC)
São Bernardo do Campo – São Paulo
E-mail: fcmatheus16@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6295-4430

Dr. Flávio Rocha de Oliveira
Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo
Professor do Bacharelado em Relações Internacionais da UFABC e do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UFABC
Universidade Federal do ABC (UFABC) São Bernardo do Campo – São Paulo
E-mail: flavio.rocha@ufabc.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9825-074X

Resumo: Em seu mandato, Donald Trump executou uma Política Externa fortemente pró-Israel. Parte relevante desse êxito pode ser atribuída à influência religiosa evangélica em seu governo. Este trabalho propõe uma análise da relação entre os seguintes atores: Estados Unidos, Governo Trump, evangélicos norte-americanos e o lobby pró-Israel; as justificativas da teologia protestante no apoio ao Estado de Israel e a maneira com que a sintonia desses atores proporcionou um avanço diplomático israelense pouco visto no presente século. Foi usado como referência o período entre 2017 e 2020. A conclusão do trabalho é de que a sintonia

entre esses atores, aliada ao pragmatismo esperado do Estado de Israel, culminou em um *modus operandi* que favoreceu simultaneamente a atuação política de Tel-Aviv e um avanço significativo na agenda da direita cristã estadunidense.

Palavras-chave: Política Externa dos Estados Unidos; Donald J. Trump; Sionismo Evangélico.

Abstract: In his mandate, Donald Trump pursued a strongly pro-Israel Foreign Policy. A significant part of this success can be attributed to the evangelical religious influence in his government. This paper proposes an analysis of the relationship between the following actors: the United States, the Trump administration, American evangelicals and the pro-Israel lobby; the justifications of Protestant theology in support of the State of Israel and the way in which the harmony of these actors provided an Israeli diplomatic advance little seen in the present century. The period between 2017 and 2020 was used as a reference. The conclusion of this work is that the synchrony between these actors, combined with the expected pragmatism of the State of Israel, culminated in a perfect *modus operandi* for political action that benefited both Tel-Aviv and the agenda of the American Christian right.

Keywords: United States Foreign Policy; Donald J. Trump; Evangelical Zionism.

Resumen: Durante su mandato, Donald Trump llevó a cabo una Política Exterior fuertemente pro-Israel. Una parte significativa de este éxito puede atribuirse a la influencia religiosa evangélica en su gobierno. Este trabajo propone un análisis de la relación entre los siguientes actores: los Estados Unidos, el gobierno de Trump, los evangélicos estadounidenses y el lobby pro-Israel; las justificaciones de la teología protestante en apoyo del Estado de Israel y la manera en que la armonía de estos actores proporcionó un avance diplomático israelí poco visto en el presente siglo. Se utilizó el período entre 2017 y 2020 como referencia. La conclusión de este trabajo es que la sincronía entre estos actores, combinada con el pragmatismo esperado del Estado de Israel, culminó en un *modus operandi* perfecto para la acción política que benefició tanto a Tel Aviv como a la agenda de la derecha cristiana estadounidense.

Palabras clave: Política Exterior de los Estados Unidos; Donald J. Trump; Sionismo Evangélico.

Recebido em: 10-03-2023

Aceito em: 26-03-2024

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O objetivo desse artigo é discutir o papel do chamado sionismo evangélico na Política Externa dos Estados Unidos (EUA) durante o governo Trump. Com o intuito de compreender melhor essas relações, serão abordados o lugar do movimento evangélico na sociedade e política dos EUA no século XXI, bem como as relações desse país com Israel. Parte-se do pressuposto de que houve uma via de mão dupla entre o discurso religioso e a ação política do presidente Donald Trump em relação ao Estado de Israel.

Foi utilizado o método de pesquisa exploratória, com a análise de bibliografia teórica pertinente no campo da política externa e da política doméstica norte-americana, ambas com foco na influência da direita cristã nos EUA e no apoio ao Estado de Israel. Também foi empregada uma literatura de natureza teológica, de modo a descrever as bases ideológico-religiosas de vertentes evangélicas nos Estados Unidos. Finalmente, foram analisados documentos produzidos por *think-tanks* e organizações internacionais. O recorte histórico da pesquisa corresponde ao período da presidência de Donald J. Trump, que foi de 2017 a 2021.

O trabalho será dividido em quatro seções e a conclusão. Na primeira seção, será descrita brevemente a história dos evangélicos, sua proporção e relevância na sociedade estadunidense e sua inserção na política doméstica dos Estados Unidos, onde será investigada a face eleitoral desse grupo. Na segunda, haverá uma breve explanação sobre o *lobby* de Israel em Washington e a base teológica evangélica para o sionismo evangélico. Na terceira seção, o foco será na administração Trump e sua relação com a Direita Cristã desde a campanha até o fim do mandato, assim como a relação da Casa Branca com Tel-Aviv e o caráter pró-Israel de Trump na Organização das Nações Unidas (ONU). Já a última seção discutirá se houve uma relação especial entre o governo Trump e o Estado de Israel no período.

OS EVANGÉLICOS NA POLÍTICA DOMÉSTICA DOS EUA

O protestantismo passou por uma grande expansão nos Estados Unidos, com o surgimento de diversas denominações. Várias expandiram-se mundialmente, principalmente através do trabalho missionário. O cristianismo protestante estadunidense tem vários ramos diferentes. Isso ocorre, principalmente, devido à organização descentralizada do protestantismo: enquanto o catolicismo, ainda que amplo, é desenhado de forma que mesmo as paróquias mais isoladas ou de cidades menores respondem ao governo central do Vaticano em última

CC BY NC SA

instância, o protestantismo não conta com uma gestão única, fazendo com que surjam diversas lideranças paralelas e que não respondam à uma autoridade maior.

Essa dificuldade em categorizar e, consequentemente, quantificar os protestantes norte-americanos é demonstrada pelo ISAE - *Instituto para Estudo sobre os Evangélicos Americanos*[1] - da Wheaton College. Em 2012, o instituto desenvolveu um estudo chamado "*Quantos evangélicos existem*[2]*?*", buscando abordar o cenário protestante nos Estados Unidos em números. Na tentativa de estimar a proporção de evangélicos nos EUA, o instituto se valeu de um método mais personalista à fé, questionando os fiéis se eles se consideravam "cristãos nascidos de novo" (tradução nossa). O número desses cristãos raramente ultrapassou os 39% dos norte-americanos (com exceção de 2005). O método não tem total precisão, porém conta com uma estimativa mais realista, a autodeclaração de fé, não limitada ao âmbito puramente cultural. Já o *Centro de Pesquisa Pew*[3] realizou um panorama da mudança do cenário religioso nos Estados Unidos entre 2007-2014 chamado "*A Mudança no Panorama Religioso dos EUA*[4]". Em um método de pesquisa um pouco mais aberto que o observado anteriormente, nota-se uma porcentagem de 40,1% que inclui uma série de denominações que não apareceriam caso o método do ISAE fosse aplicado.

Analisando os métodos propostos e considerando uma perspectiva mais restrita - como a primeira apresentada - pode-se dizer com segurança que os evangélicos variam entre 30-35% da população dos Estados Unidos, assim configurando em um número entre 90 milhões e 100 milhões de norte-americanos (dentro do total de cerca de 328 milhões de pessoas, segundo o *U.S. Census Bureau* de 2019). A população cristã evangélica nos Estados Unidos, por consequência, carrega uma relevância de caráter eleitoral e político. Além da dimensão do voto, é natural que o protestantismo nos Estados Unidos se valha de representações tanto na sociedade civil como no poder político institucional.

Ao sul do país, destaca-se o *Cinturão da Bíblia*[5], região marcada por forte influência da fé protestante e dos aspectos mais conservadores em relação aos costumes (CLARKE, 1990). A articulação eleitoral cristã nos Estados Unidos data da década de 1980 (DECKMAN, 2001), marcada por pautas em comum como aborto, sexualidade, *schooling* e Oriente Médio. Segundo Boles (1996), a importância do eleitorado evangélico nos EUA já era refletida no surgimento da coalizão-cristã dentro do Partido Whig, antecessor do Partido Republicano. Já sob forte

1 Tradução livre para "Institute for the Study of American Evangelicals"
2 Tradução livre para "How Many Evangelicals Are There?"
3 Tradução livre para "Pew Research Center."
4 Tradução livre para "America's Changing Religious Landscape"
5 Tradução livre para "Bible Belt".

influência ideológica em sua fundação, o Partido Republicano contava com uma direita cristã que entendia a sociedade norte-americana sob a perspectiva das escrituras sagradas (RIBEIRO, 2018). Apesar da presença na fundação do partido, Finguerut (2008) afirma que esse grupo teria um destaque maior no século XX com o surgimento de uma Direita Cristã dentro da Nova Direita americana, ambos frutos do anticomunismo e marcados por uma lógica judaico-cristã de família e da defesa da hegemonia militar norte-americana.

> Seus primeiros nomes já se faziam presentes nos anos de 1960 como Phyllis Schlafly, Paul Weyrich, Richard Viguerie e Robert Billings. Outro nome que devemos destacar nos anos de 1980, é o de Tim LaHaye, líder religioso, ativista cristão e escritor de sucesso, que foi decisivo na reeleição de Ronald Reagan e que aproximou a Direita Cristã da elite política republicana. No limiar do século XXI, os esforços da Direita Cristã em se organizar politicamente mostraram grande êxito, como por exemplo, a Coalizão Cristã liderada por Ralph Reed. No entanto, se considerarmos que a finalidade da mobilização era mudar a constituição americana em temas como direitos civis, casamento e aborto, eles pouco conseguiram avançar. (FINGUERUT, 2008, p.101)

Já na década de 1980, iniciou-se uma mobilização chamada “maioria moral” em torno do líder carismático e batista Jerry Falwell. Com uma base construída e consolidada junto a outros líderes, como Pat Robertson (a ser apresentado adiante), James Dobron, Gary Bauer (ex-assessor de Ronald Reagan) e Ralph Reed, o movimento se tornou a Coalizão Cristã na década de 90, com uma estrutura de pressão e *lobby* dentro do Congresso Americano. Dessa estrutura foram formados nomes relevantes dentro do Partido Republicano, como Jesse Helms, Paul Weyrich, Oliver North e Dick Armey. Além destas personalidades, nota-se o surgimento de *Think Tanks* oriundas da Coalizão Cristã, como *Associação da Família Americana, Conselho de Pesquisa da Família, Mulheres que se importam com os EUA, Pessoas pelo Estilo de Vida Americano, Trabalhadores pela Liberdade, Instituto Bíblico Moody, União pelo Bem-estar dos EUA*[6]entre outras.

O surgimento dessa articulação não ocorreu de maneira espontânea e pontual. A considerar a história do protestantismo nos Estados Unidos e a proporção de evangélicos no país, o aumento da presença desse grupo na cultura e política estadunidenses ocorre de maneira orgânica. Apesar desse eleitorado evangélico não ser a maioria do eleitorado norte-americano - como abordado anteriormente - ao considerarmos números absolutos, é uma parcela eleitoral extremamente articulada e relevante. Analisar a influência dos evangélicos dentro dos EUA,

6 Tradução livre para “American Family Association, The Family Research Council, Concerned Women for America, People for the American Way, Freedom Works, The Moody Bible Institute, United Way of America.”

parte da observação de uma estrutura de 70 mil igrejas, 1500 estações de rádio e mais de 200 canais de televisão. Finguerut (2008) destaca a popularidade de Pat Robertson na televisão e de James Dobson no rádio e que, juntos, alcançam o engajamento de cerca de um milhão de espectadores e cinco milhões de ouvintes por semana.

Ribeiro (2018) entende que a aproximação ideológica entre o partido e a religião influencia políticas tanto em relação aos processos eleitorais – nas escolhas de candidatos pela população – quanto na formulação de políticas domésticas e internacionais. No âmbito doméstico, Deckman (2001) afirma que a Coalizão Cristã se articula majoritariamente em torno de pautas como aborto, sexualidade e ensino domiciliar[7]. Já no âmbito internacional, a articulação se concentra na política externa dos EUA para o Oriente Médio, com foco majoritariamente em Israel.

Essa estrutura de *lobby* e negociação de um grupo doméstico dentro do Congresso em prol de um *player* que transcende as fronteiras do Estado é abordada, teoricamente, por Robert Putnam (2010). Na tomada de decisões no âmbito internacional, os grupos domésticos são atores decisivos na negociação. Segundo Putnam, os raios de ação do negociador[8] sofrem forte influência no nível doméstico:

> A luta política de várias negociações internacionais pode ser utilmente concebida como um jogo de dois níveis. No nível nacional, os grupos domésticos perseguem seu interesse pressionando o governo a adotar políticas favoráveis a seus interesses e os políticos buscam o poder constituindo coalizões entre esses grupos. No nível internacional, os governos nacionais buscam maximizar suas próprias habilidades de satisfazer as pressões domésticas, enquanto minimizam as conseqüências adversas das evoluções externas. Nenhum dos dois jogos pode ser ignorado pelos tomadores de decisão, pois seus países permanecem ao mesmo tempo interdependentes e soberanos. (PUTNAM, 2010, p.151)

Pode-se observar que os evangélicos norte-americanos são capazes de atuar em ambos os níveis propostos por Putnam. Domesticamente, esse grupo se apresenta como uma grande força política e eleitoral, engajada politicamente e enxergando Israel como parte de sua teologia, o que faz com que exerçam influência e pressão nos tomadores de decisão internos para adotarem políticas pró-Israel. Já no nível internacional, os evangélicos buscam uma aproximação com Israel, defendendo posições favoráveis ao Estado Judeu, como, por exemplo, o direito a Jerusalém como sua capital e o apoio à expansão dos assentamentos israelenses na Cisjordânia. A partir desses elementos, esse grupo também influencia a opinião pública através de seus meios de comunicação (majoritariamente TV e rádio).

7 Tradução livre para “Homeschooling”.
8 Tradução livre para “winsets”.

Nenhuma abordagem *estritamente* doméstica ou *estritamente* internacional poderia explicar de maneira satisfatória o fenômeno da atuação dos evangélicos norte-americanos em prol de Israel. Ainda que haja atores judeus dentro do país, será abordado no próximo tópico a maneira com que a retórica sionista convenceu não só Republicanos, mas também Democratas, para uma atuação externa pró-Israel no Oriente Médio. Porém, vale ressaltar a maneira com que a chamada "revolução republicana" (DIAMOND, 1996) se assentou nessa estrutura de coalizão, culminando em uma série de vitórias parlamentares em um contexto de domínio dos democratas até então. Conforme Finguerut:

> Dessa forma a Direita Cristã, formada pela Coalizão, pelos Republicanos e liderados por George W. Bush afastou do poder decisório grupos até então poderosos, como o *Council on Foreign Relations* (CFR), a Trilateral Commission e até mesmo a Igreja Católica. Em linhas gerais, podemos concluir que o objetivo desse grupo e da "Nova Direita" é o de colocar os valores morais no centro da política dos EUA, re-desenhando assim, sua política doméstica e internacional e mostrando, em última instância, que uma nação pode ter como base a lei bíblica. (FINGUERUT, 2008, p.104)

Esse movimento dentro do partido republicano também convenceu Bush e boa parte da sociedade americana de que uma postura ativa pró-Israel e uma maior presença militar no Oriente Médio se trataria de uma resposta eficiente aos ataques do 11 de Setembro. Mas essa resposta não se daria apenas no âmbito político e militar, mas também dentro do campo ideológico.

Como destacado anteriormente, o Cinturão da Bíblia é uma região dos Estados Unidos localizada no sudeste do país e conhecida por ter em sua cultura local a prática do cristianismo protestante. Além disso, é a região do país que conta com forte presença da maior denominação evangélica (ISAE, 2012), a denominação Batista, organizada doutrinariamente pela Convenção Batista do Sul. O nome "bíblia" na alcunha se dá na centralidade que a bíblia tem dentro da religião protestante.

Essa divisão cultural remete à histórica dicotomia norte/sul que acompanha o país desde antes do século XIX e que, inclusive, culminou na Guerra de Secessão. Essa dicotomia é o antecedente que explica o discurso religioso regional nos Estados Unidos. Segundo Ribeiro (2018), "enquanto o norte tem historicamente uma postura mais cética, coube ao sul, historicamente, o grosso da difusão do discurso religioso estadunidense tanto no plano doméstico como no plano internacional".

A difusão a que Ribeiro se refere é o fenômeno chamado “O Segundo Grande Despertar”[9] ocorrido no período entre 1790 e 1840, no qual houve um crescimento exponencial no número de protestantes nos Estados Unidos. Esse fenômeno também é conhecido como “segundo pentecostes”, alusão ao trecho de Atos 2 (BÍBLIA SAGRADA), famoso pela narrativa do “derramamento do Espírito Santo na Terra”. O “segundo pentecostes” tratou-se de um fenômeno missionário massivo em que pastores encorajaram os evangélicos não só a uma conversão genuína, mas a um cristianismo ativo no dia a dia. Esse ativismo teve como resultado uma ação dos evangélicos norte-americanos em diversas pautas sociais, como a questão abolicionista, reforma do sistema prisional e sufrágio feminino[10].

Para John Boles (1996), esse movimento se inicia no Estado de Kentucky, através de um acampamento em Logan County, que se espalha por todo o sul do país. O fenômeno também promoveria uma teologia evangélica que cria no triunfo da igreja para a libertação do mundo, como uma espécie de “novo destino manifesto”. Segundo Ribeiro (2018), “este movimento espalha-se pelo sul do país por meio das três denominações mais importantes: batistas, presbiterianos e metodistas. Segundo a interpretação da época, acreditava-se que o espírito santo se movia de modo a motivar o espírito humano a serviço do divino para a reafirmação da fé”.

A expansão do evangelicalismo ao sul dos Estados Unidos traçou uma divisão regional clara no aspecto religioso. Fruto dos fenômenos históricos abordados até aqui, atualmente existe um perfil geográfico religioso nos EUA. Isso não significa que não há protestantes em outras regiões do país, mas o panorama trata a proporção deles dentro de um recorte geográfico. Entre os diversos Estados que compõem o cinturão, destacam-se: Alabama, Arkansas, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Geórgia, Kentucky, Mississipi e Tennessee. O instituto Gallup (2018) apresenta um estudo relacionado à devoção dos norte-americanos em cada estado da federação estadunidense, usando critérios como a importância da religião na vida dessas pessoas e a frequência delas em cultos religiosos, categorizada em participações semanais ou quinzenais. A seguir, os números nos Estados que estão inseridos no cinturão da Bíblia:

9 Tradução livre para “The Second Great Awakening”.

10 Finseth dedica um capítulo na abordagem dos evangélicos em relação às pautas abolicionistas e de igualdade de gênero no século XIX em **“Liquid Fire Within Me”: Language, Self and Society in Transcendentalism and early Evangelicalism**, 1820-1860. M.A. Thesis in English, University of Virginia, August 1995.

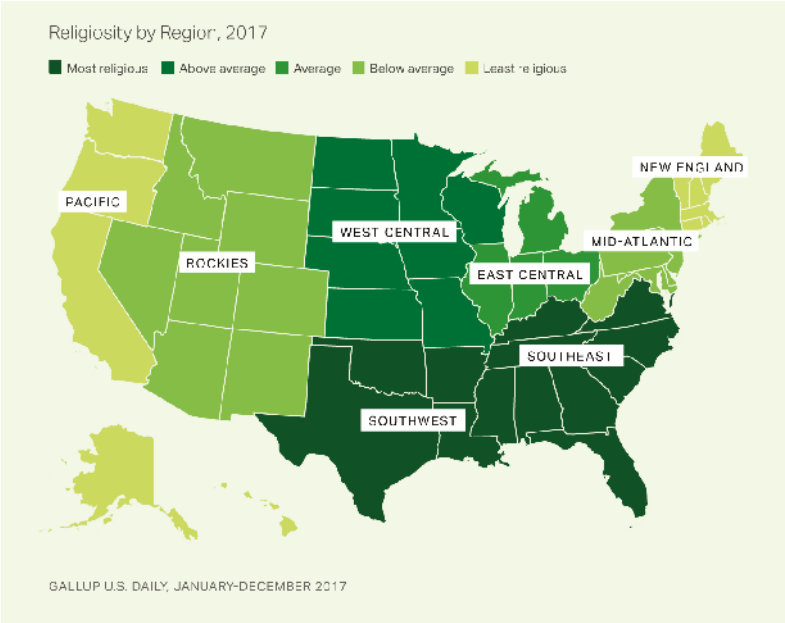
Tabela 1: A proporção religiosa dos norte-americanos do *Cinturão da Bíblia* em 2017

Estados	Muito religioso (%)	Moderadamente religioso (%)	Não religioso (%)
Louisiana	52	31	17
Arkansas	50	30	19
Oklahoma	45	30	25
Texas	43	32	25
Mississippi	59	29	12
Alabama	54	29	17
South Carolina	50	30	20
Tennessee	49	30	22
North Carolina	46	31	23
Kentucky	45	30	26
Georgia	43	33	23

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de Gallup (2018)

Dessa maneira, o mesmo instituto traçou o perfil religioso dos norte-americanos levando em conta os mesmos critérios acima. Como dito anteriormente, nota-se que o evangelicalismo não é exclusividade da região do *Cinturão da Bíblia*, como será mostrado a seguir. Porém, é possível notar a clara divisão desse recorte religioso dentro dos EUA. A seguir, o perfil religioso de todos os Estados Unidos:

Figura 1: Mapa da Religião nos Estados Unidos de 2017



Fonte: Gallup (2018)

Grande parte da população que reside na região do "cinturão da Bíblia" é guiada por ideias baseadas na religião que apontam para uma conduta moral e valores éticos (ZAKAULLAH, 2007), que remetem à uma espécie de ativismo religioso (FINSETH, 1995). O entendimento do comportamento desse público em específico passa pelas concepções de *provisão divina, a missão na natureza selvagem e a cidade no monte*. Para Luiza Mateo (2011), a aplicação da fé no cotidiano do evangélico norte-americano parte desses pressupostos e é aplicada na visualização dos atributos de Deus no dia a dia, sendo essa uma herança do puritanismo.

O *LOBBY* DE ISRAEL E O SIONISMO EVANGÉLICO

O movimento sionista nos Estados Unidos é iniciado em 1939, com a criação do Conselho Emergente Sionista Americano[11]. Finguerut (2008) afirma que a propaganda sionista na época contava com um aparato de mais de 30 publicações, dentre elas algumas católicas e protestantes, que reforçavam a ideia de uma profecia bíblica com o objetivo de lidar com a opinião pública para, dessa forma, influenciar a ação política no Congresso e, ao mesmo tempo, envolver todos os grupos judeus na causa.

A partir da década de 70, o componente principal da política externa dos Estados Unidos para o Oriente Médio passa a ser Israel, quando os norte-americanos apoiaram esse país militar, financeira (com um fornecimento bilionário onde o Estado de Israel é o único entre todos os beneficiados pelos Estados Unidos a receber os recursos de maneira direta e não em prestações, segundo Mearsheimer & Walt, 2006) e diplomaticamente (segundo a *Biblioteca Virtual Judaica*[12], foram mais de 40 vetos em resoluções críticas à Israel na história do Conselho de Segurança da ONU). Segundo Dashefsky & Sheskin, em 2019 havia pouco mais de 7 milhões de judeus nos EUA (sem incluir cerca de 65 mil que residiram na Florida temporariamente entre 3 e 7 meses), aproximadamente 30% da quantidade de judeus existentes no mundo. Essa concentração maior de judeus nos Estados Unidos pode significar algo em meio ao complexo *lobby* de Israel dentro do país. A comunidade judaica estadunidense é diversa e plural em relação às políticas específicas de Israel - essa diversidade é apresentada no contraste entre os vieses políticos tanto das organizações que realizam o *lobby* quanto de grande parte dos judeus norte-americanos (MEARSHEIMER & WALT, 2006).

11 Tradução livre para "American Zionist Emergency Council".
12 Tradução livre para "Jewish Virtual Library".

Assim, o *lobby* de Israel está organizado em diversos *Think Tanks* especializados, mas com enfoques diversos. *AIPAC (Comitê Americano de Assuntos Públicos sobre Israel), CUFI (Cristãos Unidos por Israel*), *Fórum de Política de Israel*, *Comunidade Tikkun , Americanos pela Paz Agora* e J*INSA* (*Instituto Judaico para a Segurança Nacional dos EUA*)[13] estão entre os de maior destaque (FINGUERUT, 2008).

Apesar de apresentarem diversas diferenças doutrinárias, a aproximação de determinados grupos evangélicos com grupos judaicos ocorre sob justificativas teológicas. Se por um lado uma das doutrinas fundamentais do cristianismo evangélico protestante trata da segunda vinda de Jesus Cristo para buscar sua igreja, por outro lado a religião judaica também crê na vinda do Messias, mas não no caráter messiânico de Cristo. Apesar dessa diferença fundamental, determinadas correntes do movimento evangélico nos Estados Unidos se aproximaram cada vez mais de Israel para além da religião judaica, conforme citado no início da seção.

A crença na volta de Jesus é fundamentada em diversos textos da Bíblia Sagrada e o livro de Apocalipse é o que mais se aprofunda na questão e doutrina do fim dos tempos. Por se tratar de um livro repleto de visões, a interpretação dos textos de Apocalipse é uma das que suscitam as maiores divergências do cristianismo. A grande maioria das correntes cristãs acreditam na volta de Jesus, mas nem todas concordam na maneira e sob quais circunstâncias esse evento ocorrerá. O estudo dessas diferentes linhas teológicas é chamado de Escatologia, passando por quatro divisões escatológicas majoritárias: pré-milenismo pós-tribulação, pré-milenismo dispensacionalista, pós-milenista e amilenista (Ferreira, 2013). Dentre essas linhas, a pré-milenista dispensacionalista terá um enfoque maior justamente por estar presente no movimento sionista evangélico atual. Venema traz uma síntese de como a visão dispensacionalista entende o povo de Israel retratado na Bíblia e o Estado de Israel como país atualmente:

> No dispensacionalismo clássico, Deus tem dois povos distintos: um povo terrestre, Israel, e um povo celestial, a igreja. Segundo o dispensacionalismo, Deus administra o curso da história da redenção por meio de sete dispensações sucessivas ou economias redentivas. Durante cada dispensação, Deus testa os seres humanos por meio de uma revelação distinta de Sua vontade. Entre essas sete dispensações, as três mais importantes são a dispensação da lei, a dispensação do evangelho e a dispensação do reino. Embora não seja possível em um ensaio curto como este descrever todas as características distintivas dessas dispensações, o que é importante é a insistência do dispensacionalismo de que Deus tem um propósito separado e uma maneira distinta de lidar com seu povo terrestre, Israel. Durante a era presente, a dispen-

13 Tradução livre para “AIPAC (American Israel Public Affairs Committee), CUFI (Christians United for Israel), Israel Policy Forum, Tikkun Communit, Americans for Peace Now e JINSA (Jewish Institute for National Security of America)”.

> sação da igreja, Deus "suspendeu" Seus propósitos especiais para Israel e voltou Sua atenção, por assim dizer, para a reunião dos povos gentios por meio da proclamação do evangelho de Jesus Cristo a todas as nações. No entanto, quando Cristo retornar a qualquer momento para "arrebatar" a igreja antes de um período de sete anos de grande tribulação, Ele retomará o programa especial de Deus para Israel. Este período de tribulação será um prelúdio para o início da futura dispensação de um reino de mil anos na terra. Para o dispensacionalismo, o milênio marca o período durante o qual as promessas de Deus a Israel, seu povo terrestre, receberão um cumprimento distinto e literal. Somente ao final da dispensação do reino milenar, Cristo finalmente vencerá todos os seus inimigos e introduzirá o estado final. (VENEMA, 2012, s.p)[14]

Uma das principais marcas da escatologia dispensacionalista trata da completa distinção entre o Israel antigo e a igreja. Enquanto as demais linhas abordam uma não distinção entre Israel (Israel físico) e igreja (que seria o Israel espiritual), o pensamento dispensacionalista aborda cada povo de Deus de maneira diferente. Essa distinção culmina em uma total literalidade das promessas de Deus no Velho Testamento (VT) para o povo de Israel. Ou seja, as promessas contidas no texto são exclusivamente para o povo judeu. Textos bíblicos como "Orem pela paz de Jerusalém: Vivam em segurança aqueles que te amam!" (Sl 122,6) e "E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o redentor que desviará de Jacó a impiedade." (Rm 11,26) são exemplos de promessas que seriam especificamente para o povo judeu e não para todo o povo cristão no mundo. Os dispensacionalistas acreditam na retomada de Jerusalém e da terra santa por parte dos judeus como uma promessa divina, promessa essa que se trata de um sinal da segunda vinda de Jesus Cristo, seguido do fim dos tempos e do Juízo Final.

14 Tradução livre para "In classic dispensationalism, God has two distinct peoples: an earthly people, Israel, and a heavenly people, the church. According to dispensationalism, God administers the course of the history of redemption by means of seven successive dispensations or redemptive economies. During each dispensation, God tests human beings by a distinct revelation of His will. Among these seven dispensations, the three most important are the dispensation of law, the dispensation of the gospel, and the dispensation of the kingdom. While it is not possible in a short essay like this to describe all the distinctives of these dispensations, what is important is dispensationalism's insistence that God has a separate purpose and a distinct manner of dealing with His earthly people, Israel. During the present era, the dispensation of the church, God has "suspended" His special purposes for Israel and turned His attention, in a manner of speaking, to the gathering of the Gentile peoples through the proclamation of the gospel of Jesus Christ to all the nations. However, when Christ returns at any moment to "rapture" the church prior to a seven-year period of great tribulation, He will resume God's special program for Israel. This tribulation period will be a prelude to the commencement of the future dispensation of a one thousand-year kingdom upon the earth. For dispensationalism, the millennium marks the period during which God's promises to Israel, His earthly people, will receive a distinct, literal fulfillment. Only at the end of the dispensation of the millennial kingdom will Christ finally vanquish all of His enemies and introduce the final state".

> Com isto se quer dizer que todas as profecias feitas no VT, com relação a Israel, deverão se cumprir literal e incondicionalmente em Israel, como nação ou povo terreno. Nenhuma promessa do VT, portanto, se refere à Igreja, pois isto viola o princípio da literalidade. As profecias do VT devem ser sempre entendidas sob a perspectiva do VT; Exemplo: Se o VT diz que Israel vai possuir a terra prometida para sempre significa que a nação de Israel (povo judeu) deverá ter como possessão perpétua aquela porção geográfica do Oriente Médio. Se alguém disser que o verdadeiro Israel é hoje nação espiritual (1 Pe 2. 9,10) ou que a terra que os israelitas possuíram era um tipo ou antecipação da Nova Jerusalém celestial (Hb 11: 13-16; 12:22; Gl 4:25-26) estará violando o seu conceito. (SANTOS, 2007, s.p)

Baseados nessa teologia, diversos setores conservadores evangélicos norte-americanos dentro do partido republicano se engajam na questão pró-Israel. Esse engajamento se traduz de diversas maneiras, como investimentos no Estado de Israel em setores como infraestrutura, turismo[15] e, também, com a realização de trabalho voluntário.

Diversos investimentos em infraestrutura são feitos dentro dos assentamentos judaicos em Jerusalém como forma de apoiar o povo judeu. O jornal israelense Haaretz (2018) revelou, com detalhes, uma série de investimentos na Cisjordânia vindos de evangélicos majoritariamente norte-americanos. Esses investimentos chegaram até 65 milhões de dólares durante a década anterior à data da publicação da reportagem, sem incluir serviços fornecidos gratuitamente como trabalhos voluntários (oferecendo colheita gratuita de uvas para os fazendeiros judeus locais). Uma das organizações que promovem essa associação, a Hayovel, está em uma lista de grupos evangélicos que operam exclusivamente no chamado *coração bíblico*[16]. Essa associação trata de trazer voluntários para o assentamento de Har Bracha e, na última década, conduziu mais de 1700 voluntários norte-americanos para os assentamentos.

Na questão turística, destaca-se a realização de diversas viagens a Jerusalém por via de caravanas, como as de Irvin Baxter (VICE, 2019). Baxter se apresenta como pastor pentecostal, televangelista e líder do *Ministério do Fim dos Tempos*[17], movimento cristão de apoio a Israel. Essas caravanas têm não só um caráter turístico, mas, para cristãos como Baxter, um caráter espiritual. É comum que haja cultos nessas caravanas em Israel, além da crença de tratar os pontos turísticos como locais sagrados e como objeto de culto nas caravanas.

15 Conforme dados de OCDE Datasource (2020) e Jerusalem Post (2019), houve um aumento significativo no número de turistas norte americanos em Israel a partir de 2016 (ano da eleição de Donald Trump)

16 Tradução livre para "biblical heartland".

17 Tradução livre para "Endtime Ministries".

Além disso, destaca-se a organização cristã *Família em Foco*[18], fundada por James Dobson, autodenominada cristã conservadora e que atua diretamente em conjunto com o Partido Republicano dos Estados Unidos (GILGOFF, 2007). Além da já citada CUFI (maior que a própria AIPAC), essas e outras organizações com finalidade semelhante, como a *Televisão Daystar, Ministérios do Capitólio, Unidos por Israel, Amigos Cristãos das Comunidades Israelitas* e a ICBFO (*Iniciativa de Fé e Oportunidades da Casa Branca)*[19], atuam diretamente na articulação pró-Israel dentro do cristianismo evangélico norte-americano.

TRUMP, DIREITA CRISTÃ E ISRAEL: PROMESSAS E LEALDADE

Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos em um contexto não só de forte adesão por parte dos evangélicos norte-americanos, mas também de forte rejeição desse mesmo público em relação ao presidente antecessor, Barack Obama. David Barton (2016) se refere a Obama como "o presidente mais hostil à bíblia que os Estados Unidos já tiveram" e elaborou uma longa denúncia a respeito de cerca de cem ações realizadas durante o seu mandato. Essas ações teriam desagradado tanto cristãos como judeus, e teriam sido tomadas tanto pelo próprio Obama como por lideranças que atuaram em seu governo. Entre essas ações, a recusa de Obama em hospedar cultos para o Dia Nacional de Oração na Casa Branca em 2009, data estabelecida via lei federal; além disso, em 2010, Obama começou a omitir deliberadamente a frase sobre "o Criador" ao citar a Declaração da Independência - uma omissão que ele fez em pelo menos sete ocasiões. Dessa maneira, Barton sugere que essas ações demonstram um padrão de tratamento "desrespeitoso e horroroso" para com qualquer pessoa com valores bíblicos.

Já Trump contou com apoio massivo de líderes evangélicos desde o período eleitoral, ainda que com o desdém da mídia tradicional - conforme será apresentado a seguir - sobre essa relação do empresário com os evangélicos. Whitehead, Perry & Baker (2018) abordam como a ligação do eleitorado evangélico com Trump não aparentava ser tão promissora, citando uma gafe cometida em um evento em 2016 em que Trump discursou na Universidade *Liberty*, universidade confessional Batista em Lynchburg e ligada à Convenção Batista do Sul. Essa gafe denotaria que Trump não teria uma relação tão próxima com a Bíblia como um cristão confesso teria:

18 Tradução livre para "Focus on the Family".
19 Tradução livre para "Daystar Television, Capitol Ministries, One For Israel, Christian Friends of Israeli Communities e a ICBFO (White House Faith and Opportunities Initiative)."

> Durante sua candidatura, Trump às vezes explicitamente apelava aos sentimentos nacionalistas cristãos ao repetir o refrão de que os Estados Unidos estão renunciando à sua herança cristã; no entanto, os apelos de Trump ao nacionalismo cristão foram geralmente ignorados na cobertura midiática da campanha, que se concentrou mais em saber se um candidato relativamente não piedoso poderia conquistar o voto da Direita Religiosa. Por exemplo, em um discurso para uma multidão na Universidade Liberty em 18 de janeiro de 2016, Trump infamemente citou um versículo da Bíblia como sendo de 'dois Coríntios' em vez do usual 'segundo Coríntios'. A cobertura jornalística do evento focou em saber se essa gafe, que demonstrava falta de conhecimento sobre a Bíblia, prejudicaria Trump junto aos eleitores religiosos. (WHITEHEAD, PERRY & BAKER, 2018, p.151)[20]

Apesar de uma relação potencialmente conturbada, na matéria de Sarah Bailey (2016) para o Washington Post é possível notar a proeminência de diversos líderes religiosos no apoio à campanha de Trump:

> A candidatura de Trump levou a divisões dentro de diferentes grupos evangélicos. O apoio de Jerry Falwell Jr., da Liberty University, a Trump causou divisões em seu próprio campus. Um teólogo evangélico proeminente, Wayne Grudem, endossou Trump, retirou seu apoio após a divulgação dos vídeos, e então o endossou novamente. O apoio de Grudem e Eric Metaxas, autor de uma biografia popular e apresentador de rádio, deu aos evangélicos conservadores argumentos para apoiar o candidato do Partido Republicano. E líderes evangélicos do que é considerado a Direita Religiosa também continuaram a apoiá-lo, incluindo Pat Robertson, Tony Perkins, Ralph Reed, entre outros. O pastor Robert Jeffress, do Texas, twittou da festa de campanha de Trump na terça-feira à noite. O apoio evangélico a Trump, um empresário de cassino casado três vezes, foi desconcertante para alguns. Por exemplo, líderes como o fundador da Focus on the Family, James Dobson, que sempre se opôs ao jogo, acabaram por apoiá-lo quando ele se tornou o indicado do Partido Republicano. (BAILEY, 2016, s.p)[21]

20 Tradução livre para "During his candidacy, Trump at times explicitly played to Christian nationalist sentiments by repeating the refrain that the United States is abdicating its Christian heritage; however, Trump's appeals to Christian nationalism were typically overlooked in media coverage of the campaign, which focused more on whether a relatively nonpious candidate could win the vote of the Religious Right. For example, in a speech to a crowd at Liberty University on January 18, 2016, Trump infamously quoted a Bible verse as being from "two Corinthians'' rather than the customary "second Corinthians." News coverage of the event focused on whether this gaffe displaying lack of knowledge about the Bible would hurt Trump with religious voters."

21 Tradução livre para "Trump's candidacy led to divisions within different evangelical camps. Liberty University Jerry Falwell Jr.'s endorsement of Trump caused division on his own campus. A prominent evangelical theologian Wayne Grudem endorsed Trump, pulled back his endorsement after the video tapes came out, then re-endorsed him. Trump's support from Grudem and Eric Metaxas, an author of a popular biography and radio host, gave conservative evangelicals language to support the GOP candidate. And evangelical leaders from what's considered the Religious Right also continued to back him, including Pat Robertson, Tony Perkins, Ralph Reed, among others. Texas pastor Robert Jeffress tweeted from Trump's campaign party on Tuesday night. Evangelical support for Trump, a thrice-married, casino-building businessman, was puzzling to some. For instance, leaders like Focus on the Family founder James Dobson who has long opposed gambling, ended up supporting him once he became the GOP Party nominee."

Segundo Martínez e Smith (2016), do *Centro de Pesquisa Pew*, Trump obteve 58% dos votos protestantes. No mesmo artigo, notou-se um número expressivo de votos de evangélicos brancos em Donald Trump: cerca de 80% dos votos, número expressado também na matéria de Bailey (2016). Abaixo, há a relação de votos por afiliação religiosa pelo *Centro de Pesquisa Pew*:

Tabela 2: Voto presidencial por afiliação religiosa e raça

	2000		2004		2008		2012		2016	
	Gore	Bush	Kerry	Bush	Obama	McCain	Obama	Romney	Clinton	Trump
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Protestante/outros cristãos	42	56	40	59	45	54	w42	57	39	58
Católico	50	47	47	52	54	45	50	48	45	52
Católicos Brancos	45	52	43	56	47	52	40	59	37	60
Católicos Hispânicos	65	33	65	33	72	26	75	21	67	26
Judeu	79	19	74	25	78	21	69	30	71	24
Outras religiões	62	28	74	23	73	22	74	23	62	29
Religiosamente não-afiliado	61	30	67	31	75	23	70	26	68	26
Brancos, “born again” e cristãos evangélicos	**n/a**	**n/a**	21	78	24	74	21	78	16	81
Mormon	**n/a**	**n/a**	19	80	**n/a**	**n/a**	21	78	25	61

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de *Centro de Pesquisa Pew* (2016)

Algo a ser pontuado é a ligação de Trump com os evangélicos através de sua equipe de governo: seu vice-presidente, Mike Pence, e seu Secretário de Estado, Mike Pompeo, são evangélicos[22].

Em 2017, a Revista Newsmax listou os 100 maiores evangélicos influentes na América e colocou Pence em nono lugar. A revista, através do jornalista Jen Krausz (2017), descreve Pence como alguém “escolhido em grande parte por seu conservadorismo cristão tradicional, notavelmente criacionista e pró-vida”. Além disso, a matéria ressalta o fato de Pence “não usar sua fé na manga simplesmente, mas vestir totalmente a camisa de Jesus”.

22 Algo que vale a pena ser pontuado diz respeito a esses dois colaboradores muito próximos do presidente Trump. O primeiro é da igreja Igreja Evangélica da Graça e o segundo é da Igreja Presbiteriana de Eastminster. Todavia, não foi possível obter a informação se as respectivas igrejas mantêm ligação institucional com algum movimento sionista-evangélico.

Em 2019, Mike Pompeo discursou na Universidade Americana do Cairo, no Egito, deixando claro que estava lá como um cristão evangélico. No discurso, Pence afirma que mantinha a bíblia aberta em sua mesa para "se lembrar de Deus, de sua palavra e da verdade" (AMERICAN RHETORIC, 2019).

Em um jantar realizado em agosto de 2018 com líderes religiosos, Trump creditou aos evangélicos sua vitória em 2016, usando os termos "herança de fé, família e liberdade dos Estados Unidos" como referência (RELIGION NEWS SERVICE, 2018).

Com a chegada de Trump e Pence à Casa Branca, notou-se uma aderência também na pauta dos costumes, tema presente desde a campanha eleitoral. Trump trouxe para o debate a alteração da lei do aborto nos Estados Unidos, ainda que não exista no país uma legislação federal sobre o tema, mas um entendimento por parte da Suprema Corte do país (as leis sobre aborto ocorrem somente em instâncias estaduais). Em janeiro de 2020, o presidente apoiou uma marcha anti-aborto, algo que nunca havia ocorrido no país (G1, 2020).

Outro tema presente na corrida eleitoral foi a nomeação de juristas conservadores para a Suprema Corte Americana, quando Trump prometeu um nome conservador ao elaborar uma lista de candidatos para as nomeações. Em 2017, Trump nomeou o juiz Neil Gorsuch e, em 2020, a jurista Amy Barrett (CASAGRANDE, 2022). Ambas as nomeações agradaram líderes religiosos conservadores e cumpriram as promessas de Trump na campanha.

Assim que Trump foi eleito em 2016, apoiadores de Israel procuraram seu genro, Jared Kushner, que é judeu e um dos conselheiros mais próximos do presidente norte-americano, em busca de garantias. Essa busca se deu pela insegurança que os apoiadores tinham em relação ao presidente eleito, que não tinha experiência política, especialmente em temas de política externa.

Trump escolheu amigos próximos para trabalhar diretamente com Israel. O primeiro deles era David Friedman, advogado de 57 anos e presidente do assentamento *Amigos do Bet El*[23], na Cisjordânia, que foi nomeado embaixador em Israel. Friedman era um crítico aberto da solução da ONU de dois estados. Depois de Trump ter reconhecido Jerusalém como a capital de Israel, Friedman se tornou o primeiro embaixador dos Estados Unidos a fazer uma visita oficial ao Muro das Lamentações.

Mesmo com Trump expressando exaustivamente seu compromisso com Israel e suas intenções em um relacionamento mais próximo, houve certa preocupação por parte dos seus

23 Tradução livre para "Friends of Bet El".

apoiadores quando Trump anunciou Rex Tillerson como secretário de Estado. Além de também não contar com experiência em política externa, Tillerson tinha laços extensos no Oriente Médio devido à sua posição na indústria do petróleo. Segundo o Washington Post, durante a primavera de 2011 o então ministro do petróleo da região do Curdistão do Iraque, Ashti Hawrami, apresentou um mapa de campos de petróleo inexplorados para uma equipe de funcionários da ExxonMobil, que entendeu haver ali uma possibilidade de negócios. O jornal afirma que essas conversas tiveram direcionamento e influência de Tillerson, na época presidente executivo da empresa. Dessa maneira, a presença dele na secretaria de Estado poderia gerar certos conflitos de interesse com os planos norte-americanos de estabilidade na região:

> Mas o acordo supervisionado por Tillerson, cujas audiências de confirmação para se tornar secretário de Estado começam na quarta-feira, desafiou os objetivos da política externa dos Estados Unidos, colocando os interesses financeiros da empresa acima do objetivo americano de criar um Iraque estável e coeso. Diplomatas americanos haviam pedido à Exxon e outras empresas para aguardar, temendo que tais acordos minassem sua credibilidade com as autoridades iraquianas e piorassem as tensões étnicas que haviam levado o Iraque à beira da guerra civil. Uma lei que regula os investimentos em petróleo em todo o país estava paralisada no parlamento, e autoridades iraquianas estavam rejeitando a autoridade do governo regional do Curdistão para exportar petróleo ou fazer seus próprios acordos. (RYAN & MUFSON, 2017, s.p) [24]

Dada a proximidade tradicional dessa indústria com os produtores de petróleo árabes da região, suas posições em relação à Israel eram incertas. Dessa maneira, Tillerson procurou tranquilizar os israelenses e seus apoiadores, afirmando durante suas audiências que “Israel é, sempre foi e continua sendo nosso aliado mais importante na região”.

Em 2018, Tillerson foi substituído por Mike Pompeo, visto como mais simpático a Israel e abertamente hostil ao Irã. Em 2019, Pompeo se tornou o primeiro Secretário de Estado a fazer uma visita oficial ao Muro das Lamentações. Durante a viagem, Pompeo disse que Israel não tem melhor amigo do que os Estados Unidos e que os israelenses “podem ter certeza de que o presidente Trump manterá esse vínculo estreito”.

24 Tradução livre para “But the deal overseen by Tillerson, whose confirmation hearings to become secretary of state begin Wednesday, defied U.S. foreign policy aims, placing the company’s financial interests above the American goal of creating a stable, cohesive Iraq. U.S. diplomats had asked Exxon and other firms to wait, fearing that such deals would undermine their credibility with Iraqi authorities and worsen ethnic tensions that had led Iraq to the brink of civil war. A law governing nationwide oil investments was tied up in parliament, and Iraqi officials were rejecting the Kurdistan regional government’s authority to export oil or cut its own deals.”

Em maio de 2017, Trump visitou Israel logo no início do seu governo, sendo recebido com um tapete vermelho no Aeroporto Internacional Ben-Gurion e, posteriormente, emitiu declarações conjuntas com Netanyahu. Na mesma viagem, Trump vestiu uma quipá e orou no Muro das Lamentações, tornando-se o primeiro presidente estadunidense a visitar o local sagrado. Em julho de 2017, Netanyahu discursou na CUFI - *Cristãos Unidos por Israel*[25] - afirmando que "cristãos evangélicos são os melhores amigos de Israel" e, por outro lado, criticando a decisão da Casa Branca de manter a embaixada dos EUA em Tel Aviv (STOIL, 2017) naquele momento.

Em dezembro de 2017, Trump reconheceu oficialmente Jerusalém como a capital de Israel e, assim, anunciou a transferência da embaixada norte-americana para lá, que na época estava localizada em Tel Aviv. A decisão histórica se deu 70 anos após a criação do Estado de Israel pela Organização das Nações Unidas, em 1947. A decisão se mostrou delicada, já que Jerusalém é considerada uma cidade santa para as três maiores religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islamismo). O anúncio de Trump rompeu com um consenso internacional do reconhecimento da solução de dois estados. Assim, ele cumpriu a promessa que havia feito à AIPAC em campanha (REINL, 2017). Essa decisão seria a mais emblemática de Trump na relação com Israel.

Em março de 2019, Trump anunciou o reconhecimento da soberania israelense sobre as Colinas de Golan. Na época, acreditou-se que o momento do anúncio foi feito para ajudar na campanha de reeleição de Netanyahu. Dois aspectos reforçaram a tese na época: uma visita de Pompeo dias antes da eleição e o silêncio do governo após a posição da campanha de Netanyahu sobre a anexação dos assentamentos e sobre a decisão do Departamento de Estado de designar o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica do Irã como uma organização terrorista.

Pouco antes de deixar o cargo, Trump ordenou que o Comando Central dos Estados Unidos - responsável pela política militar no Oriente Médio - incluísse Israel em sua área de atuação. Até então, o Estado judeu fazia parte do Comando Europeu. Em seu último dia como presidente, Trump perdoou Aviem Sella - coronel da Força Aérea Israelense - que havia sido indiciado em março de 1987 por três acusações de espionagem e por recrutar Jonathan Pollard, ex-analista de inteligência do governo, para trabalhar como espião para Israel.

Durante o governo Trump, os Estados Unidos vetaram duas resoluções do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Uma já mencionada anteriormente, sobre Jerusalém, e outra em 2018 condenando a responsabilidade de Israel na repressão às manifestações palestinas

25 Tradução livre para "Christian United for Israel".

ao longo de sua fronteira com Gaza, que os palestinos chamam de “Grande Marcha de Retorno” (BIBLIOTECA JUDAICA VIRTUAL, 2021).

Assim que eleito, Trump afirmou às Nações Unidas que não toleraria mais perseguições contra seu aliado. Uma das primeiras nomeações do presidente, a governadora da Carolina do Sul Nikki Haley, criticou o preconceito que a ONU teria com Israel. Haley foi uma das mais ferrenhas defensoras de Israel a servir como embaixadora na ONU.

Um dos órgãos da ONU mais atingidos por Trump foi o Conselho de Direitos Humanos, onde, segundo os Estados Unidos, existia uma perseguição particular a Israel e uma omissão em relação aos outros países que violam direitos humanos. Apesar de Obama frequentemente ter protestado da mesma maneira contra o órgão, nunca trabalhou para que a Casa Branca parasse de enviar fundos ao Conselho. Haley chamou o Conselho de “corrupto” e Tillerson avisou que os Estados Unidos se retirariam dele se este não passasse por uma reforma considerável. Tal reforma envolveria dois pontos: o primeiro, segundo Hernandez & Rosa (2018), seria uma modificação no processo eleitoral para que não houvesse eleição de violadores sistemáticos de direitos humanos, posição essa já defendida por Bush em 2006; e o segundo ponto, criticado também por Obama e Bush, trata da remoção do item 7, que aborda de maneira exclusiva e permanente a situação dos direitos humanos nos territórios palestinos ocupados, o que colocaria Tel Aviv permanentemente sob os holofotes. O argumento da Casa Branca é que, ao abordar todas as outras situações de violações sistemáticas ocorridas no mundo, o item ativado na agenda deveria ser o 4, que trata da mesma temática que o item 7. Porém, este último trata as violações de maneira geral, sem nenhuma especificidade.

Sem sucesso na proposta de reforma, Trump decidiu unilateralmente retirar os EUA do Conselho de Direitos Humanos:

> “O CDH nomeou três comitês de inquérito para investigar supostos crimes de guerra israelenses no decorrer de confrontos militares com o Hamas e a Jihad Islâmica em Gaza. Após a eleição de mais uma leva dos piores violadores estatais dos direitos humanos do mundo para o CDH, Trump decidiu em junho de 2018 retirar-se do CDH, acusando-o de ser um ‘órgão hipócrita que zomba dos direitos humanos.’” (GILBOA, 2020, s.p)[26]

26 Tradução livre para “The HRC has appointed three committees of inquiry into alleged Israeli war crimes in the course of military confrontations with Hamas and the Islamic Jihad in Gaza. After the election to the HRC of another slew of the worst state violators of human rights in the world, Trump decided in June 2018 to withdraw from HRC, accusing it of being a “hypocritical body that makes a mockery of human rights.”

Em 2018, Washington seguiu com sua escalada a favor de Israel na ONU quando começou a desmantelar o apoio monetário à Palestina. O Departamento de Estado decidiu abruptamente por encerrar todo o financiamento para a UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Oriente Próximo), a maior organização dedicada a apoiar refugiados palestinos, que até então tinha os Estados Unidos como maior contribuinte. Além disso, foram reprogramados centenas de milhões de dólares em ajuda econômica que seriam destinados originalmente para Cisjordânia e Gaza. O destino desse financiamento se dava em projetos como escolas, hospitais e outros programas que tinham como objetivo a paz em áreas de conflito.

> A administração Trump tentou argumentar que essas decisões foram tomadas na tentativa de trazer a Palestina de volta à mesa de negociações, mas punir os palestinos foi ineficaz. Esses cortes foram contrários à assistência de longa data dos Estados Unidos aos palestinos, que desde 1994 receberam mais de 5 bilhões de dólares em ajuda dos EUA. Tem sido uma parte fundamental da política dos EUA incentivar um processo de paz entre Israel e Palestina e melhorar a vida na Cisjordânia e em Gaza. (RODRIGUEZ, 2020, p. 26)[27]

O Conselho de Segurança das Nações Unidas também foi vítima da escalada de Trump contra o multilateralismo. O anúncio da transferência da embaixada americana de Tel-Aviv para Jerusalém rompeu com um consenso internacional de cerca de cinquenta anos, chocando-se com a Resolução 181 da Assembleia Geral das Nações Unidas, aprovada em 29 de novembro de 1947 e que previa a plena internacionalização do território de Jerusalém, que estaria sob um regime de *corpus separatum* e administrada pela ONU. Dias após o anúncio, o Conselho de Segurança realizou uma reunião de emergência para discutir o pronunciamento de Trump, após o pedido de oito países – destaque para Reino Unido e França, membros permanentes – do órgão composto. Durante o encontro, todos os representantes no Conselho (com exceção dos próprios norte-americanos) reiteraram seu repúdio à decisão de Trump, alegando que houve uma subversão à solução de dois Estados para o conflito israelo-palestino.

O reconhecimento da soberania israelense sobre as Colinas de Golan pela Casa Branca em 2019 suscitou um debate jurídico no âmbito das Nações Unidas, onde o Conselho de Segurança não reconheceu a anexação. O território, sírio até a Guerra dos Seis Dias em 1967, encontrava-se anexado pelos israelenses.

27 Tradução livre para “The Trump administration tried to argue that these decisions were made in an attempt to bring Palestine back to the negotiating table, but punishing the Palestinians was ineffective. These cuts went against longstanding U.S. assistance to Palestinians, who since 1994 has received over 5 billion dollars in U.S. aid. It has been a key part of U.S. policy to encourage an Israeli-Palestinian peace process and improve life in the West Bank and Gaza.”

> A anexação não foi reconhecida pelo CSNU, que adotou a Resolução 497 em 1981, afirmando: "A decisão de Israel de impor suas leis, jurisdição e administração nas Colinas de Golã sírias ocupadas é nula e sem efeito legal internacional." Administrações anteriores dos EUA consideraram as Colinas de Golã como território sírio ocupado de acordo com as resoluções do CSNU até que Trump reverteu décadas de política dos EUA desafiando o direito internacional. A declaração de Trump de seu reconhecimento das Colinas de Golã como estando sob soberania israelense estabeleceu um precedente para as várias reivindicações territoriais e políticas expansionistas de Israel. (ERDOĞAN & HABASH, 2020, s.p)[28]

O presidente norte-americano manteve a tradição americana de veto no Conselho de Segurança para bloquear qualquer resolução que condenasse Israel e suas políticas contra os palestinos. Erdoğan & Habash (2020) pontuam que essa estratégia estadunidense tem sido adotada desde Nixon e foi seguida por Reagan, Carter e Bush. Até 2019, a Casa Branca usou seu poder de veto contra projetos de resolução do Conselho de Segurança relacionados a Israel 44 vezes para bloquear as resoluções que condenavam as violações israelenses aos direitos palestinos. A única exceção foi durante o governo Obama, quando os Estados Unidos se abstiveram na Resolução 2334, condenando os assentamentos israelenses na Cisjordânia.

RELAÇÃO ESPECIAL?

Como abordado anteriormente, a base da política dos Estados Unidos para o Oriente Médio é resultado de um movimento da política interna do país fortemente inclinado à defesa dos interesses de Israel. Segundo Mearsheimer e Walt (2006), nenhum *lobby* conseguiu desviar o interesse nacional dos EUA para tão longe de seus principais objetivos e, ao mesmo tempo, convencer os estadunidenses de que os interesses de seu país e os de Israel são, essencialmente, idênticos.

Os mesmos autores apresentaram os argumentos que são tradicionalmente empregados para justificar o apoio ao Estado Judaico: a possibilidade de Israel ter sido um ativo importante durante a Guerra Fria, atuando como substituto do EUA no Oriente Médio pós-1967; o fato de ter, na região, auxiliado na contenção da expansão soviética e protegido aliados dos

28 Tradução livre para "The annexation was not recognized by the UNSC, which adopted Resolution 497 in 1981, asserting: "The Israeli decision to impose its laws, jurisdiction and administration in the occupied Syrian Golan Height is null and void without international legal effect." Previous USA administrations considered the Golan Heights as occupied Syrian territory in line with UNSC resolutions until Trump reversed decades of USA policy by defying international law. Trump's declaration of his recognition of the Golan Heights as being under Israeli sovereignty set a precedent for Israel's several prospective land claims and expansionist policies."

EUA, forçando Moscou a aumentar seus investimentos militares na região para apoiar seus aliados (MEARSHEIMER E WALT, 2006). Entretanto, ambos argumentam que esse apoio a Israel dificultou a relação dos EUA com o mundo árabe no geral, contribuindo indiretamente para o embargo de petróleo da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), além do fato dos EUA não terem contado com o apoio de Tel Aviv quando se defrontaram com a Revolução Iraniana, em 1979.

Segundo Love (2021), do *Tehran Times,* Michael Scheuer - um ex-oficial da *Agência Central de Inteligência dos EUA*[29] (CIA) e ex-professor do Centro para Estudos de Paz e Segurança da Universidade de Georgetown - havia feito declarações fortes ao Congresso Americano em 2016, questionando a relação com Israel e suas consequências:

> "Eu abandonaria os israelenses ontem, mas suponho que amanhã seria melhor do que nada. Israel é possivelmente a pior coisa a acontecer aos EUA desde sua fundação. Toda a 'Guerra ao Terror' desde o 11 de setembro e a perda de milhões de vidas, assim como qualquer autoridade moral restante que a América tinha; a subsequente destruição da Carta de Direitos; os trilhões de dólares em dívida resultantes das guerras intermináveis; as relações ruins com o mundo muçulmano; ataques de bandeira falsa nos EUA que um dia podem se tornar nucleares; tudo isso é culpa da 'relação especial' em que os EUA se curvam e aceitam tudo dos israelenses toda vez." (LOVE, 2021, s.p)[30]

Scheuer concordou com a tese de Mearsheimer & Walt, afirmando à NPR News que, apesar de todo governo tentar influenciar a opinião pública, o *lobby* de Israel se trata de uma das campanhas de maior sucesso nos Estados Unidos (AMOS, 2006).

Walter Mead (2006), em resposta ao artigo de Mearsheimer e Walt, reconhece a importância do trabalho elaborado por ambos, já que o tratou como sendo o início de uma conversa difícil:

> Mearsheimer e Walt também subestimam significativamente a importância da aliança entre os Estados Unidos e Israel para os Estados Unidos. Se Israel determinasse que a política externa dos EUA estava mudando em uma direção hostil, teria a opção de diversificar sua base de apoio de grandes potências. Dada a posição militar avassaladora de Israel no Oriente Médio e sua capacidade de fornecer a um novo

29 Tradução livre para "Central Intelligence Agency".

30 Tradução livre para "I'd dump the Israelis yesterday, but I suppose tomorrow would be better than nothing. Israel is possibly the single worst thing to happen to the U.S. since its founding. The entire "War on Terror" since 9/11 and the loss of millions of lives, as well as any remaining moral authority America had; the resulting destruction of the Bill of Rights; the trillions of dollars in debt resulting from the endless wars; crappy relations the Muslim world; false flag attacks on the U.S. which someday may go nuclear; these are all the fault of the "special relationship" in which the U.S. bends over and takes it from the Israelis every time."

> parceiro armas avançadas dos EUA e informações de inteligência, China, Rússia e Índia podem considerar uma aliança com Israel valer a pena o custo em pontos de popularidade no mundo árabe. Israel já mudou de parceiros antes: venceu a guerra de 1948-49 com armas do bloco soviético, se aliou à França e ao Reino Unido em 1956 e considerou a França (fonte da tecnologia nuclear de Israel) seu aliado mais importante em 1967. Essa mudança potencial é de grande preocupação para os Estados Unidos. Um dos principais objetivos dos EUA no Oriente Médio desde a Segunda Guerra Mundial tem sido evitar que qualquer outra potência externa ganhe uma posição estratégica lá. (MEAD, 2006, p.166)[31]

Mead, porém, alerta para o fato de que a aliança EUA-Israel não poderia ser subestimada, apontando para outros momentos em que Israel diversificou sua base de apoio entre as grandes potências. Uma possível diversificação, de fato, diminuiria a capacidade dos Estados Unidos avançarem na região, tanto diplomaticamente (processos de paz) como militarmente.

Além disso, Walter Mead (2006) também questiona a relevância do chamado *lobby* de Israel na política externa dos Estados Unidos:

> Sua análise geopolítica da posição de Israel é interessante e, em muitos aspectos, útil. Mas Mearsheimer e Walt parecem não ver como isso mina a importância do lobby de Israel. Segundo eles, Israel é a potência regional dominante, e suas enormes vantagens em armas e tecnologia são tão grandes que tem relativamente pouco necessidade de apoio dos EUA neste momento. Tanto a ajuda militar quanto econômica que os Estados Unidos oferecem, nos dizem Mearsheimer e Walt, podem ser substancialmente reduzidas ou até mesmo eliminadas sem comprometer a segurança de Israel. Mas eles não levam esse ponto até sua conclusão lógica: se a ajuda dos EUA tem um valor relativamente limitado para Israel, então ameaças de reduzir ou reter essa ajuda terão um impacto relativamente pequeno no comportamento de Israel. (MEAD, 2006, p.165)[32]

31 Tradução livre para “Mearsheimer and Walt also significantly underestimate the importance of the U.S.-Israeli alliance to the United States. If Israel determined that U.S. foreign policy was shifting in a hostile direction, it would have the option of diversifying its great-power base of support. Given Israel’s overwhelming military position in the Middle East, and its ability to pro vide a new partner with advanced U.S. weapons and intelligence information, China, Russia, and India might find an alliance with Israel well worth the cost in popularity points across the Arab world. Israel has changed partners before: it won the 1948-49 war with weapons from the Soviet bloc, partnered with France and the United Kingdom in 1956, and consid ered France (the source of Israel’s nuclear technology) its most important ally in 1967. This potential shift is of major con cern to the United States. One of the key U.S. objectives in the Middle East since World War II has been to prevent any other outside power from gaining a strategic foothold there.”

32 Tradução livre para “Their geopolitical analysis of Israel’s position is interesting and in many respects useful. But Mearsheimer and Walt seem not to see how it undercuts the importance of the Israel lobby. According to them, Israel is the dominant regional power, and its enormous advantages in weapons and technology are so great that it has relatively little need for U.S. support at this point. Both the military and the economic aid that the United States offers, Mearsheimer and Walt tell us, can be substantially reduced or even eliminated without undermining Israel’s security. But they do not carry this point through to its logical conclusion: if U.S. aid is of relatively limited value to Israel, then threats to trim or withhold that aid will have relatively little impact on Israel’s behavior.”

Finalmente, Mead afirma que, se a posição do Estado de Israel realmente é tão forte quanto julgam diversos analistas, os esforços do *lobby* de Israel são menos determinantes do que parecem ser. Assim, o autor confere uma relevância maior à posição geopolítica de Tel-Aviv em detrimento dos esforços imprimidos por qualquer *lobby* existente dentro dos EUA.

CONCLUSÃO

A influência da religião acompanha os Estados Unidos desde a sua fundação. Ainda que em períodos diferentes da história, a linguagem bíblica nunca deixou de se expressar na história política do país. Essa realidade também se estendeu ao tema da política externa.

Essa relevância não seria possível sem uma consolidação da religião protestante. O país, já protestante em seu embrião, vê o número de cristãos evangélicos aumentar ano após ano. Naturalmente isso gera uma maior representatividade na política norte-americana e uma maior organização na sociedade civil. Algumas questões se colocam para todos os observadores dessa realidade: é legítimo um grupo específico de uma religião tão descentralizada reivindicar ampla influência na tomada de decisão política? É válido que uma aplicação não-unânime de uma linha teológica influencie diretamente a agenda de política externa dos Estados Unidos no Oriente Médio?

Trump foi o presidente que mais incorporou esse aparato político-religioso dentro do Partido Republicano e também na presidência dos Estados Unidos. Ainda que seu histórico e sua vida pessoal não remetam a relação com o protestantismo (e muitas vezes lhe é contrária), o republicano foi capaz de materializar com sucesso a agenda da Direita Cristã estadunidense, tanto internamente quanto externamente. E o papel dos lobbies sionistas-evangélicos, especialmente expressos no papel dos *think-tanks* religiosos, foi fundamental nisso.

Já a posição de Israel, por outro lado, apresenta-se como mais coerente e pragmática, já que a boa relação com os norte-americanos é tida como uma política de Estado e faz sentido dentro da estratégia israelense geopolítica no tabuleiro do Oriente Médio. Dentro desse pragmatismo, a sintonia entre os *players* Casa Branca Tel-Aviv e evangélicos norte-americanos fornece um *modus operandi* quase perfeito para a atuação política do Estado de Israel.

CC BY NC SA

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICA'S *Changing Religious Landscape*. Pew Research Center: Religion & Public Life, 2014. Disponível em: https://www.pewforum.org/2015/05/12/americas-changing-religious-landscape/. Acesso em: 15 fev. 2021.

AMOS, Deborah. *Paper on Israel Lobby Sparks Heated Debate*. NPR, Washington, 21 abr. 2006. D.C. 2006. Disponível em: https://www.npr.org/templates/story/story.php?storyId=5353855. Acesso em: 8 fev. 2023.

BAILEY, Sarah. *White evangelicals voted overwhelmingly for Donald Trump, exit polls show*. Washington Post, Washington D.C., 09 nov. 2016. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/news/acts-of-faith/wp/2016/11/09/exit-polls-show-white-evangelicals-voted-overwhelmingly-for-donald-trump. Acesso em: 19 ago. 2019.

BARTON, David. *America's Most Biblically-Hostile U. S. President. Wallbuilders. Aledo*. 29 dez. 2016. Disponível em: https://wallbuilders.com/americas-biblically-hostile-u-s-president/#edn64. Acesso em: 07 abr. 2021.

BAXTER, Irvin. *About Irvin Baxter.* Endtime Ministries. 2019. Disponível em: https://www.endtime.com/irvin-baxter/. Acesso em: 27 abr. 2019.

BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. 3ª Edição. Rio de Janeiro - RJ: Editora NVI, 2023.

BOLES, John. *The Great Revival: Beginnings of the Bible Belt. 1*. ed. Lexington: The University Press of Kentucky, 1996.

BORGER, Julian. *'Brought to Jesus': the evangelical grip on the Trump administration*'. The Guardian. Washington DC. 11 jan. 2019. Disponível em: https://www.theguardian.com/us-news/2019/jan/11/trump-administration-evangelical-influence-support. Acesso em: 07 abr. 2021.

CASAGRANDE, Cassio. *Pesquisa mostra o impacto dos juízes nomeados por Trump na Suprema Corte*. JOTA. São Paulo. 20 jun. 2022. Disponível em: https://www.jota.info/opiniao-e-analise/colunas/o-mundo-fora-dos-autos/pesquisa-mostra-o-impacto-dos-juizes-nomeados-por-trump-na-suprema-corte-20062022. Acesso em: 22 jun. 2023.

CLARKE, Clifford J. *The Bible Belt Thesis: An Empirical Test of the Hypothesis of Clergy Overrepresentation, 1890-1930*. Journal for the Scientific Study of Religion, vol. 29, no. 2, 1990, pp. 210–225.

DASHEFSKY, Arnold; SHESKIN, Ira M. *American Jewish Year Book 2019: The Annual Record of the North American Jewish Communities Since 1899*. Springer; 1st ed. 2020.

DECKMAN, Melissa. *Religion Makes the Difference: Why Christian Right Candidates Run for School Board*. Review of Religious Research, vol. 42, no. 4, 2001, pp. 349–371.

DIAMOND, Sara. *Roads to Dominion: right-wing movements and political power in the United States*. Nova Iorque. The Guilford Press, 1995.

DONALD Trump participa de marcha contra o aborto nos EUA. G1, Rio de Janeiro, 24 jan. 2020. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/01/24/donald-trump-participa-de-marcha-contra-o-aborto-nos-eua.ghtml. Acesso em: data de acesso.

ERDOĞAN, Ayfer; HABASH, Lourdes. *U.S. Policy Toward the Israeli-Palestinian Conflict under the Trump Administration: Continuity or Change*? Insight Turkey. Ankara. Vol. 22 p. 125-146. 01 mar. 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340281326_US_Policy_Toward_the_Israeli-Palestinian_Conflict_under_the_Trump_Administration_Continuity_or_Change. Acessado em 09 de abril de 2021.

FERREIRA, Franklin. *Curso Vida Nova de Teologia básica: Teologia sistemática*. Vol. 7. São Paulo. Vida Nova, 2013. 288 p.

FINGUERUT, Ariel. *A influência do pensamento neoconservador na política externa de George W. Bush. 2008*. 150 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/98996>.

FINGUERUT, Ariel. *Os neoconservadores e a direita cristã nas administrações de George W. Bush*. Simpósio Nacional De História, 2007, São Leopoldo. Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. Unisinos, 2007.

FINGUERUT, Ariel. *The Christian right. World Congress of Political Science. 2008.* Disponível em: http://paperroom.ipsa.org/papers/paper_281.pdf. Acessado em 20 mar. 2019.

FINSETH, Ian. *"Liquid Fire Within Me": Language, Self and Society in Transcendentalism and early Evangelicalism,* 1820-1860. University of Virginia, 1995. Disponível em: http://xroads.virginia.edu/~MA95/finseth/thesis.htmlf. Acessado em 11 de mar. 2021.

FONSECA, Carlos da. *Deus está do nosso lado: excepcionalismo e religião nos EUA.* Contexto internacional. v. 29, n.1, 2007.

GILBOA, Eytan. Trump: *The Most Pro-israel President In American History. Clingendael Spectator*. Berlim. 08 jul. 2020. Disponível em: https://spectator.clingendael.org/en/publication/trump-most-pro-israel-president-american-history. Acessado em 07 abr. 2021.

GILGOFF, Dan. *The Jesus Machine: How James Dobson, Focus on the Family, and Evangelical America Are Winning the Culture War*. St. Martin's Publishing Group. Washington, D.C., 200.

GREENE, Jack P. *The intellectual construction of America: exceptionalism and identity from 1492 to 1800*. North Carolina: University of North Carolina Press, 1993.

HERNANDEZ, Matheus; ROSA, William. *Os EUA e a revisão periódica universal do Conselho de Direitos Humanos da ONU. Estudos Internacionais*. Belo Horizonte, 2018. Volume 6, p. 127-149. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330952196/. Acessado em 07 abr. 2021.

HOW Many Evangelicals Are There? ISAE Wheaton College, Wheaton, 2012. Disponível em: https://web.archive.org/web/20160130062242/http://www.wheaton.edu/ISAE/Defining-Evangelicalism/How-Many-Are-There. Acessado em 15 fev. 2021.

JIM, Norman. *The Religious Regions of the U.S. Gallup Institute. Washington D.C.* 06 abr. 2018. Disponível em: https://news.gallup.com/poll/232223/religious-regions.aspx. Acessado em 07 abr. 2021.

JUDIS, John B. The Chosen Nation: *The Influence of Religion on U.S. Foreign Policy. Policy Brief*, Washington D.C., n. 37, p. 1-8, 2005.

KRAUSZ, Jen. Newsmax's *100 Most Influential Evangelicals in America. Newsmax. Washington DC.* 17 nov. 2017. Disponível em: https://www.newsmax.com/bestlists/evangelicals-influential-americalist/2017/11/15/id/826258/. Acessado em 07 abr. 2021.

LIPSET, Seymour Martin. American Exceptionalism: A Double-Edged Sword. Edição Revisada. Fairfax: W. W. Norton & Company, 1997.

LOVE, Martin. America has not been helping itself. Tehran Times. Terã. 01 fev. 2021. Disponível em: https://www.tehrantimes.com/news/457662/America-has-not-been-helping-itself. Acessado em 13 abr. 2021.

MADISON, James; MADION, James; HAMILTON, Alexander; JAY, John. The Federalist: with letters of Brutus. New York: Cambridge University Press, 2003.

MARTÍNEZ, Jessica; SMITH, Gregory. *How the faithful voted*: A preliminary 2016 analysis. Pew Research Center. Washington. 09 nov. 2016. Disponível em: https://www.pewresearch.org/fact-tank/2016/11/09/how-the-faithful-voted-a-preliminary-2016-analysis/. Acessado em 19 ago. 2019.

MATEO, Luiza Rodrigues. *Deus abençoe a América: religião, política e relações internacionais dos Estados Unidos*. 2011. 142 f. Dissertação (mestrado) - UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa San Tiago Dantas, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/98111>.

MEAD, Walter. *Jerusalem Syndrome: Decoding the Israel Lobby. Council on Foreign Relations*. Foreign Affairs, Vol. 86, No. 6, p. 160-168. 2006. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/20032515?origin=JSTOR-pdf. Acessado em 07 abr. 2021.

MEARSHEIMER, John; WALT, Stephen. *O Lobby de Israel*. Novos estudos. CEBRAP, São Paulo, p. 43-73, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002006000300003&lng=en&nrm=iso. Acessado em 25 mar. 2019.

MIKE Pompeo - *A Force for Good in the World. American Rhetoric*. Disponível em: https://www.americanrhetoric.com/speeches/mikepompeoforceforgoodcairo.htm. Acesso em: 04 jul. 2023.

ONU. Resolution 181. *Future government of Palestine*. Genebra. 29 nov. 1947. Disponível em: https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/0/7F0AF2BD897689B785256C330061D253. Acesso em: 07 abr. 2021.

ONU. Resolution 2334. *Israeli settlements in "Palestinian territories occupied since 1967, including East Jerusalem"*. Genebra. 23 dez. 2016. Disponível em: https://www.un.org/webcast/pdfs/SRES2334-2016.pdf. Acesso em: 07 abr. 2021.

PUTNAM, R. D.. *Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis.* Revista de Sociologia e Política, Paraná, v. 18, n. 36, p. 147–174, jun. 2010.

REINL, James. *Analysis: Four theories behind Trump's Jerusalem embassy move*. Middle East Eye, 2017. Disponível em: http://www.middleeasteye.net/news/analysis-reasonsbehind--trump-s-jerusalem-embassy-move-1535530822. Acessado em 07 abr. 2021.

RIBEIRO, Gabriel. *A Influência do "Bible Belt" Estadunidense na Política Externa dos Estados Unidos Durante o Governo de George W. Bush (2001-2009)*. 2018. 67 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Economia e Relações Internacionais, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24144/3/InfluenciaBibleBelt.pdf. Acessado em 11 de mar. 2021.

RYAN, Missy; MUFSON, Steven. *How Exxon, under Rex Tillerson, won Iraqi oil fields and nearly lost Iraq.* Washington Post, Washington, 09 jan. 2017. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/national-security/how-exxon-under-rex-tillerson-won-iraqi-oil-fields-and--nearly-lost-iraq/2017/01/09/5f6efa28-d40c-11e6-9cb0-54ab630851e8_story.html. Acessado em 07 abr. 2021.

RODRIGUEZ, Manny. *The Israeli-Palestinian Conflict in the Trump Era: A Human Rights Perspective*. Trinity College, Hartford, 2020. Disponível em: https://digitalrepository.trincoll.edu/theses/847/. Acessado em 07 abr. 2021.

SANTOS, João Alves. *O Dispensacionalismo e suas implicações doutrinárias*. Seminário Teológico Presbiteriano "Rev. José Manoel da Conceição". São Paulo, 2018. Disponível em: http://www.seminariojmc.br/index.php/2018/01/15/o-dispensacionalismo-e-suas-implicacoes--doutrinarias/. Acesso em: 27 abr. 2019.

SMITH, Samuel. *White House Hosts 100 Evangelical Leaders for State-Like Dinner: 'This Is Spiritual Warfare'*. Christian Post. Washington DC. 28 ago. 2018. Disponível em: https://www.christianpost.com/news/white-house-hosts-100-evangelical-leaders-state-likedinner-this-is--spiritual-warfare-227044. Acesso em: 07 abr. 2021.

STOIL, Rebecca. Netanyahu: *Evangelical Christians are Israel's best friends.* The Times of Israel, Jerusalem, 18 jul. 2017. Disponível em: https://www.timesofisrael.com/netanyahu-evangelical-christians-are-israels-best-friends/. Acessado em 07 abr. 2021.

TRUMP Administration: Trump and Israel. The American-Israeli Cooperative Enterprise (AICE). Washington D.C, 2023. Disponível em: https://www.jewishvirtuallibrary.org/trump-administration-trump-and-israel. Acessado em 07 abr. 2021.

WOLF, Richard. *Donald Trump's presidential announcement speech.* USA Today, Washington, 16 jun. 2015. Disponível em: https://www.usatoday.com/story/news/politics/onpolitics/2015/06/16/donald-trump-announcement-speech/28880493/. Acessado em 07 abr. 2021.

U.S. *Vetoes of UN Security Council Resolutions Critical to Israel*. The American-Israeli Cooperative Enterprise (AICE), Washington D.C, 2018. Disponível em: https://www.jewishvirtuallibrary.org/u-s-vetoes-of-un-security-council-resolutions-critical-to-israel. Acessado em: 04 jul. 2023.

UNITED States Census Bureau. *Population Total*. United States government, 2019. Disponível em: https://data.census.gov/cedsci/all?q=Population%20Total. Acesso em: 16 mar. 2021.

VENEMA, Cornelis. *The Church and Israel: the Issue*. Ligonier Ministries, Flórida, 01 out. 2012. Disponível em: https://www.ligonier.org/learn/articles/the-church-and-israel-the-issue/. Acesso em: 11 mar. 2021.

WHITE House hosts dinner to honor evangelicals for all the good work they do. Religion News Service. Columbia 28 ago. 2018. Disponível em: https://religionnews.com/2018/08/28/white-house-hosts-dinner-to-honor-evangelicals-for-all-the-good-work-they-do/. Acesso em: 04 jul. 2023.

WHITEHEAD, Andrew L.; PERRY, Samuel L.; BAKER, Joseph O. *Make America Christian Again: Christian Nationalism and Voting for Donald Trump in the 2016 Presidential Election*. Sociology of Religion, Oxford, vol 79, 2018, p. 147–171. Disponível em: https://doi.org/10.1093/socrel/srx070. Acesso em: 07 abr. 2021.